

GANDHI: O AFOXÉ DE FILHOS E FILHAS NO RIO DE JANEIRO

Gandhi: The Afoxé of Sons and Daughters at Rio de Janeiro

Julia Santos Cossermello Andrade¹ & Edilberto J. de Macedo Fonseca²

DOI: <http://dx.doi.org/10.18226/21789061.v14i1p217>

RESUMO

Uma semana antes do início dos desfiles Carnavalescos na Passarela da Sapucaí, no Rio de Janeiro [Brasil], acontece uma festa bastante significativa para os membros das Escolas de Samba: A Lavagem. Trata-se de um ritual de abertura de trabalhos protagonizado por um grupo de mulheres das Alas das Baianas das diferentes agremiações, juntamente com o afoxé das Filhos e Filhas de Gandhi. Um ritual/evento que se inseriu definitivamente no calendário turístico da cidade. O presente texto busca conhecer um pouco mais sobre esse afoxé que, nascido na Bahia, chega no Rio de Janeiro através de estivadores baianos residentes, na década de 1950. Para isso nos baseamos em alguns estudos já desenvolvidos sobre o tema (Carneiro, 1982, Lody, 1976, Risério, 1981), realizando levantamentos em revistas e jornais, bem como dialogando com um de seus atuais diretores musicais: Ogã Kotoquinho. A genealogia dos afoxés no País, a criação do grupo carioca e sua presença nas festas populares, nas manifestações negras e, sobretudo, a presença física da sua sede na região do Porto Maravilha é o tema investigado.

PALAVRAS-CHAVE

Turismo; Cultura; Carnaval; A Lavagem; Rio de Janeiro, Brasil.

ABSTRACT

A week before the beginning of the carnival parades at Passarela da Sapucaí in Rio de Janeiro [Brazil], there is a very significant feast for the Escolas de Samba members: the Lavagem. It's an openings ritual led by women of Ala das Baianas of different carnival associations along with the afoxé of the "Gandhi's Sons and Daughters". It's a ritual/event that definitely inserted into the city's tourist calendar. The present text seeks to know a little more about this afoxé that, born in Bahia, arrives in Rio de Janeiro through Bahian stevedores residing in the 1950s. For this, we based it on some studies already developed about this subject (Carneiro, 1982, Lody, 1976, Risério, 1981), doing surveys in magazines and newspapers, as well as dialoguing with one of its current Musical Directors: Ogã Kotoquinho. The genealogy of afoxés in the country, the creation of Rio's group and their presence at popular festivals, in afro demonstrations, and, above all, the physical presence of their seat in the Porto Maravilha region is the theme that we investigate here.

¹ **Julia Santos Cossermelli Andrade** – Doutora. Docente na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7983902103441144>. E-mail: juliadeandrade@gmail.com

² **Edilberto José de Macedo Fonseca** – Doutor. Docente na Universidade Federal Fluminense, Rio das Ostras, RJ, Brasil. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/7535268960481202> E-mail: edilbertofonseca@id.uff.br

KEYWORDS

Tourism; Culture; Carnival; The Lavagem; Rio de Janeiro, Brazil.

INTRODUÇÃO

Quem passa ao lado do Jardins do Valongo, um dos tradicionais sítios históricos do Rio de Janeiro [Brasil], reparará num pequeno sobrado deteriorado situado na Rua Camerino, número 13, esquina com a Rua Barão de São Félix, em frente à Praça do Estivadores, bem no centro da cidade. Na porta deste sobrado é possível ver pendurada uma placa de madeira, quase mimetizada às pichações nas paredes sem reboco da fachada principal, onde se lê: “Associação Cultural e Recreativa ‘Afoxé’ Filhos de Gandhi-RJ Aulas de: Capoeira=Dança Afro=Percussão” [Fig.1]. Esta sede abriga hoje o grupo que iniciou suas atividades em 1951, por inspiração de seu homônimo baiano fundado em 1949, em Salvador. Desde então, o afoxé vem se constituindo em uma das agremiações mais significativas na luta pela visibilidade e reconhecimento das tradições negro-africanas na cidade, sendo elemento fundamental da história do Carnaval carioca.

Figura 1. Fachada da sede do Afoxé Filhos de Gandhi



Fonte: Facebook - Afoxé Filhos de Gandhi/RJ

A fundação no Rio de Janeiro de uma associação surgida a partir de uma outra, de Salvador, aponta para um debate que nos permite pensar como territorialidade e processos simbólicos se interconectam na formação e formatação das manifestações culturais. As confluências e divergências de experiência daqueles que deles participam denota o modo como as

comunidades ligadas ao universo das religiões afro-brasileiras têm enfrentado os desafios de serem legitimadas suas formas de expressão.

Nosso objetivo aqui é, propondo uma genealogia dos grupos conhecidos como *afoxés*, apontar algumas das suas principais características, levantando aspectos relacionados, mais especificamente, à constituição e trajetória do Afoxé Filhos de Gandhi do Rio de Janeiro. Para isso iremos nos pautar em um levantamento da bibliografia produzido em torno do tema (Carneiro 1982, Lody 1976, Risério, 1981), matérias de revistas, notícias de jornais bem como em entrevista realizada com um dos seus mais ativos membros e atual diretor musical, Osvaldo José de Sena filho, conhecido como Ogã Kotoquinho.

Tratar dos afoxés significa entender de que modo uma das mais significativas expressões afro-brasileiras, estreitamente ligadas aos candomblés, tem se mantido viva e ativa na sociedade brasileira. Pretendemos trazer aqui elementos que possibilitem compreender o modo como se dá a organização dessa forma de expressão religiosa que, seguindo um calendário ritual anual, ressignifica as ruas da cidade por meio de cantos, toques, corpos, danças, cores e cheiros. Se é possível recolher notícias sobre os afoxés já desde o século XIX, é preciso ver que eles viveram um momento especial de visibilização impulsionado pelo Filhos de Gandhi baiano e pelo crescimento da participação dos chamados ‘blocos afro’ no Carnaval de Salvador, frutos do processo de reafirmação ocorrido a partir das últimas décadas do século passado.

A TRADIÇÃO DOS AFOXÉS

Em *Maracatus do Recife*, o compositor e pesquisador César Guerra-Peixe (1980) afirma que “sabemos que o vocábulo ‘Afoxé’ – do sudanês **àfohsheh** – indica, na Bahia, a espécie de Maracatu salvadoreense e nomeava, como explica Arthur Ramos, as festas profanas dos terreiros baianos” (p. 24, grifos do autor). A etimologia do termo é múltipla e José Beniste (2016) em seu *Dicionário Yorubá - Português* afirma que a palavra **Àfoṣe** se refere a “um tipo de culto a ifá, predição do futuro, um encantamento” (p.47). Um terceiro significado do termo iorubano é o de que ele “é composto por três termos: *a*, prefixo nominal; *fo*, significa dizer, pronunciar; *xé*, significa realizar-se” (p.47). Segundo Antonio Risério (1981), afoxé quer dizer ‘o enunciado que faz’¹.

Os afoxés se configuraram a partir de uma ampla variedade de cortejos realizados por grupos de homens negros que, especialmente durante o Carnaval, saíam às ruas em algumas cidades do País. Câmara Cascudo (1962) em seu *Dicionário do Folclore Brasileiro* define o verbete *afoxé*

como “Rancho negro de Carnaval. Os negros se trajam principescamente e cantam canções em língua africana, geralmente em nagô. O mais notável desses ranchos é o Otum Obá de África, com sede no Garcia... Festas profanas, de caráter público, nos terreiros de culto jêje-nagô”ⁱⁱ (p. 18). No começo do século XX em *Africanos do Brasil*, Nina Rodrigues (2010 [1932]) já revelava a presença dos clubes negros na cidade de Salvador e como a identificação com as tradições africanas dos candomblés marcavam as festas públicas locais desde o século XIX.

É o caso dos clubes Carnavalescos africanos da Bahia. As festas Carnavalescas da Bahia se reduzem ultimamente quase que a clubes africanos organizados por alguns africanos, negros crioulos e mestiços. Nos últimos anos os clubes mais ricos e importantes tem sido: *A Embaixada Africana e os Pândegos da África*. Mas, além de pequenos clubes como *A Chegada Africana, os Filhos de África*, etc., são incontáveis os grupos africanos anônimos e os máscaras negras isolados. Na constituição destes clubes se revelam aqueles dois sentimentos distintos. Nuns, como a *Embaixada Africana*, a ideia dominante dos negros mais inteligentes ou melhor adaptados, é a celebração de uma sobrevivência, de uma tradição. Os personagens e o motivo são tomados aos povos cultos da África, Egípcios, Abissínios, etc. Nos outros, se, da parte dos diretores, há por vezes a intenção de reviver tradições, o seu sucesso popular está em constituírem eles verdadeiras festas populares africanas. [...] Dir-se-ia um *candomblé* colossal a perambular pelas ruas da cidade (p. 205, grifos do autor).

A ancestralidade desses grupos negros de Salvador se expressava através da *charanga*, o conjunto orquestral que entoava cânticos em línguas africanas com instrumentos musicais como atabaques, xequerês e agogôs. Além disso exibiam também indumentárias, adereços e uma variedade de elementos com aromas e cores que revelavam suas ligações à preceitos religiosos específicos cultuados por cada uma de suas naçõesⁱⁱⁱ de origem. Rodrigues (2010 [1932]) revela ainda, como esses grupos eram vistos pela imprensa da época:

Diário da Bahia, 16 de fevereiro de 1899: Seguiam a charanga “muitos entusiastas do clube (*Pândegos da África*) acompanhando os cantos africanos e as danças rítmicas”. *Jornal de Notícias*, de 11 de fevereiro de 1899: “A melhor passeata de ontem foi a dos *Pândegos da África*, que com certeza farão uma das primeiras figuras do Carnaval deste ano. Uma enorme multidão o acompanhava, aclamando-o”. Ainda o *Diário da Bahia*: “*A Chegada Africana*, com os clássicos instrumentos e danças, deu no goto de muito papalvo”. As danças e cantigas africanas, que se exibiam com este sucesso no Carnaval, são as danças e cantos dos candomblés, do culto gêge-iorubano, fortemente radicado na nossa população de cor (p. 206, grifos do autor)

Já no início do século XX, no livro *Costumes Africanos na Bahia*, o pesquisador Manuel Querino (2010)^{iv} apontava uma relação entre os cortejos dos afoxés e as antigas festividades africanas conhecidas como *Damurixás* ou *Festas da Rainha*.

Na cidade de Lagos [na Nigéria], no mês de janeiro, há uma diversão pomposa, em que se exibem indivíduos mascarados, diversão que designam pelo vocábulo *damurixá*, festa da rainha. Nesta, apenas tomam parte os indivíduos filiados ao clube que se encarrega da festa, não sendo facultativo a quem quisesse mascarar-se. O Soberano com os seus ministros participa daquele divertimento, recolhendo-se antes de terminar para, com as formalidades régias, agradecer (p. 88)

Afoxé seria, então, na virada para o século XX, um termo que passou a ser utilizado para designar um conjunto de manifestações de matriz negro-africana que podia se referir tanto a maracatus, como a sambas ou batuques. O diferencial dos afoxés era precisamente a vinculação mais estreita com o sagrado, no caso, com os candomblés. No terreno dos estudos de folclore tanto Edison Carneiro, como Alceu Maynard e Raul Lody confirmam essa ligação dos afoxés com os terreiros, expressa de forma mais explícita na musicalidade dos cânticos e toques levados às ruas. Em *Dicionário dos Cultos Afro-Brasileiros*, Olga Cacciatore (1988) corrobora a versão da matriz sagrada dos afoxés ao afirmar se tratar de um “rancho negro que sai durante o Carnaval da Bahia, é festa semirreligiosa, realizada como uma obrigação por elementos de certos candomblés” (p. 40). Embora alguns autores cheguem a afirmar que pudessem se confundir com os maracatus, os afoxés, durante seus cortejos carnavalescos, não se misturavam à nenhuma outra manifestação como rodas de samba, bumba-meu-boi ou embaixadas (Araújo, 2007) nem podiam ser reduzidos aos Clubes Uniformizados citados por Nina Rodrigues^v.

Em 29 de maio de 1948 - um ano antes, portanto, da criação do Filhos de Gandhi - a reportagem “Afoché – Ritmo bárbaro da Bahia” da Revista *O Cruzeiro*, assinada por Claudio Tuiuti Tavares com fotos de Pierre Verger, trazia um panorama dos afoxés de Salvador. Ao tratar do Afoxé Congo d’África, mostra que sua composição e conformação eram bem distintas daquela que encontramos atualmente, ao afirmar que o culto aos orixás “acentua o expoente religioso desse grupo organizado por negros, pardos e brancos baianos, que saem em ‘côrte’, durante o Carnaval, com rei, rainha, príncipes, guardas e ‘baianas’, ao ritmo dos atabaques e dos agogôs”^{vi} (p. 62, grifos do autor).

Ao lembrar o “fugaz período do esplendor de fins do século XIX”, Edison Carneiro, no artigo ‘Afoxé da Bahia’ para o *Jornal do Commercio* de 17 de fevereiro de 1966, indica o que seria então a “formação ideal” dos afoxés baianos do passado. Eles contariam sempre com os *arautos*, a *guarda branca*, *rei e rainha*, *Baba l’Otin* [Pai Cachaça em idioma nagô], *estandarte*, *guarda de honra*, *charanga de ilus*, e todos esses personagens ladeados, no cortejo, por duas colunas de mulheres. Carneiro (1966) fecha seu artigo concluindo que os afoxés, como os maracatus, seriam assim

[...] reminiscências dos cortejos dos reis do Congo, [...] outrora mais portugueses, ou afro-lusitanos, do que africanos. Quando ocorreu a liberação [da escravatura], [...] se apoiaram nas tradições africanas, no estado em que se encontravam na Bahia e em Pernambuco. Assim, passaram a constituir, não obstante seu caráter profano de clube Carnavalesco, um candomblé ou um xangô - não mais “colossal” e certamente diluído em suas forças pelos hinos fracos que canta – “a perambular pelas ruas da cidade”, como os definiu, com rara felicidade Nina Rodrigues (p. 4)

Todo esse roteiro de transformações nos leva a pensar sobre a conformação que os afoxés vêm assumindo, seja nos estados da Bahia e Pernambuco onde surgem, seja no Rio de Janeiro que tem no Filhos de Gandhi um dos seus principais, senão o principal, representante. Se, de fato, se ligam ao Carnaval, cumprem, porém, aí um papel distintivo pois sua participação tem o poder de imbricar o caráter lúdico e de entretenimento da festa à uma profunda expressão do universo sagrado dos orixás e de toda a religiosidade de matriz africana. O que anima os participantes transcende assim o mero caráter profano, infundindo à festa um respeito e um clima de “meio silêncio na balbúrdia ensurdecidora causada pela efervescência das massas devotas de Momo” com apontou o pesquisador Francisco Vasconcellos (1991, p. 5)^{vii}.

O GANDHI EM SALVADOR

Para tratar do Filhos de Gandhi do Rio de Janeiro é preciso apontar alguns aspectos e características de seu homônimo baiano, o papel histórico que tem assumido e o lugar simbólico que ocupam na luta identitária e cidadã das comunidades negras de Salvador. O grupo foi fundado por estivadores na capital baiana em 1949, constituindo uma entidade com sede no boêmio e histórico bairro do Pelourinho. Conforme já comentado, Mestre Kotoquinho confirma em depoimento que o nome do grupo surge como inspiração de um filme sobre o líder indiano, assistido por esse grupo de trabalhadores das docas. Durante as primeiras décadas de existência, o Gandhi - ao lado de outros afoxés - compunha o Carnaval baiano juntamente com os primeiros trios elétricos, os blocos de rua e os desfiles de clubes e sociedades. Como foi colocado, naquele momento, o ‘período áureo’ dos afoxés já havia passado e os inúmeros grupos tradicionais conviviam com dificuldades de várias ordens e pareciam anunciar um lento e progressivo processo de desaparecimento.

O início da década de 1980 ficou marcado como um momento importante de afirmação dos movimentos negros na luta contra o racismo e pela valorização das identidades afrodescendentes em Salvador. O antropólogo e historiador Antônio Risério (1981) escreve sobre esse período quando vivenciou o surgimento de alguns dos principais blocos afro do Carnaval baiano, que ainda hoje guardam certas relações com os afoxés, porém com eles não se confundem. Esse processo de tomada de consciência das raízes africanas por parte da população negra, especialmente nos blocos afro, teve particularmente no renascimento dos afoxés, um importante elemento de afirmação desse movimento. As lutas contra coloniais por todo mundo promoveram o surgimento de movimentos de libertação, antirracistas e de reivindicação por

direitos civis de norte a sul. Nesse contexto, os blocos afro articularam essa tomada de consciência por parte das comunidades negras, produzindo pesquisas e estudos acadêmicos e não acadêmicos, criando interações sociais e intercâmbios culturais com entidades e países africanos, porém sem estarem ancorados no caráter religioso e na ligação estreita com o universo dos candomblés que os afoxés cultivam.

Um marco fundamental desse processo iniciado, ainda na década de 1970, foi a disposição do cantor e compositor baiano Gilberto Gil em apoiar e promover o afoxé Filhos de Gandhi que se encontrava, como outros grupos, em dificuldades. Ganhando um novo vigor, esse fato acaba por marcar decisivamente o processo de reafricanização do Carnaval baiano, conforme Risério (1981) aponta em “Graças a deus e ao Gilberto Gil”:

É preciso que seja dito de uma vez por todas: Gil é o grande responsável pelo ressurgimento do Filhos de Gandhi. O afoxé estava a menos de um passo do túmulo e o crioulo foi lá, com a força invencível de um filho de Xangô (embora ele diga ser filho de Logun-edé), para aplicar uma injeção astral de vitalidade. Todo mundo sabe disso na Bahia (p. 53).

Nesse período, falando sobre esse ressurgimento dos afoxés, a jornalista Rosa Bastos aponta o fenômeno na matéria “O renascimento dos Afoxés em Salvador”:

[...] o Badauê [surgiu] trazendo uma proposta nova: valorizar o negro e sua cultura. Quebrando rígidos preconceitos, deixou que entrassem mulheres, permitiu a livre criatividade em termos de dança, canto, ritmo, instrumental, indumentária e alegorias. Ganhou o Carnaval, quer dizer, o prêmio da Bahiatursa^{viii} e a simpatia do povo. Foi festejado nos versos de Caetano Veloso e Moraes Moreira e, o mais importante, provocou o surgimento de 14 novos afoxés (*Jornal O Globo*, 12-2-1980).

Em 1991, em entrevista ao jornal do Movimento Negro Unificado, Lélia González menciona o papel dos afoxés como parte importante do movimento de afirmação da negritude e de luta por cidadania das comunidades afrodescendentes brasileiras que segundo ela, há pelo menos uma década, vinha já se constituindo:

Eu acho que a contribuição foi muito positiva, no sentido de que nós conseguimos sensibilizar a sociedade como um todo, levamos a questão negra para o conjunto da sociedade brasileira, especialmente na área do poder político e nas áreas relativas à questão cultural. E aí a nossa contribuição é muito mais nossa, digamos assim, produto dessa criatividade que marca a comunidade negra. Estou pensando em termos de Bahia, fundamentalmente, porque eu acho que a Bahia é um grande fulcro nesse sentido da emergência da identidade a partir do cultural. [...] E estou pensando, especificamente, nos afoxés e blocos afros pelo papel que eles têm tido de levar essa conscientização para dentro da comunidade negra, embora levem também para fora. Eu vejo como meus alunos brancos estão atentos para a questão da Bahia, dos blocos afros, do reggae. Eles vêm aqui aprender alguma coisa (Gonzalez, L., *Jornal do MNU*, n. 19, p. 8)^{ix}.

Em sua fala, para além do papel dos blocos afro, Lélia González menciona dois movimentos desencadeados pelos afoxés que julgamos muito importante para compreender a dinâmica força de conscientização que assumiram. Como núcleos de cultura negra ligados às expressões religiosas da diáspora africana, esses movimentos se dão em dois sentidos: um centrípeto, para dentro das comunidades, ressignificando e reafirmando aos próprios membros as marcas de pertencimento que foram historicamente invisibilizadas, e outro de tendência centrífuga, levando esses corpos e identidades construídas para fora delas, indo à rua e ao encontro da sociedade baiana de forma mais ampla.

Também em Pernambuco houve esse processo de afirmação da negritude por meio dos afoxés: “O Afoxé Ilê de África, o primeiro afoxé de Pernambuco, foi às ruas enquanto instrumento de militância, com o objetivo de combater o racismo, a intolerância religiosa e a falta de oportunidades”, conta Fabiano dos Santos, presidente do Afoxé Alafin Oyó, da comunidade V8 de Olinda, em matéria de 23 de setembro de 2019 no site do *Diário de Pernambuco*. Segundo ele, o surgimento dos grupos de afoxés na década de 1970 ocorreu de maneira diversa do que se deu na Bahia, “o País estava sob o regime da Ditadura Militar e a repressão contra os povos de terreiro era frequente. Diante desse cenário, os religiosos de matriz africana foram às ruas para reforçar o movimento de resistência e combate à intolerância”, explica.

Hoje, os afoxés espalhados pelo país participam de celebrações, manifestações, encontros acadêmicos, shows artísticos e em uma enorme gama de eventos ligados às culturas afro-brasileiras, além das suas tradicionais saídas à rua. Nesses momentos, os afoxés ganham o caráter de fomentar a luta das comunidades negras pela disputa de presença pelos espaços das cidades, herança africana de um modo de fazer política brincando, por meio da festa, do canto e da dança, ocupando as ruas e cumprindo o papel de dar visibilidade à expressões culturais ocultadas pelo racismo estrutural ainda tão presente na sociedade brasileira, trazendo das motivações religiosas a energia inspiradora necessária para os enfrentamentos que necessitam travar no dia-a-dia.

O GANDHI NO RIO DE JANEIRO

O afoxé Filhos de Gandhi do Rio de Janeiro foi criado em 12 de agosto de 1951, por um grupo formado também majoritariamente por estivadores do porto^x. Esse grupo de baianos costumava se reunir na gafieira Elite, na Praça da República e “alí nascera a idéia de se fundar a agremiação com as características do modelo baiano”, conforme contou Aurelino Gervásio da Encarnação,

um dos membros do grupo ainda na década de 1960^{xi}. Edison Carneiro (1955) escrevendo sobre o fenômeno da migração nordestina como propulsora da criação das expressões populares em seu artigo *Elementos novos no folclore carioca* de 23 de janeiro de 1955 no *Diário de Notícias*, analisa a formação desse grupo na então Capital Federal.

Tem sido enorme a afluência de brasileiros de todos os cantos do país ao Distrito Federal uns vieram trazidos pela guerra, outros pela miragem de melhores condições de vida e ainda outros pelas calamidades naturais, como os flagelados pela seca no Nordeste. (...) Seria desnecessário insistir em que estes nacionais, empreendendo a viagem para a Guanabara, não trouxeram consigo apenas os tarecos, os filhos pequenos, a força de trabalho que não tinha emprego nas suas terras de origem. Trouxeram hábitos, crenças, modos de falar, folguedos. E daí que agora estejamos a assistir a apresentação de elementos folclóricos antes completamente desconhecidos no Distrito Federal (p. 5).

No artigo, Carneiro propõe uma rápida genealogia de todo um conjunto de festas e manifestações populares surgidas ou ressurgidas na capital carioca como a Capoeira, as Folias de Reis, Frevo, incluindo aí os afoxés.

Os baianos vindos para o Distrito Federal trouxeram um cortejo – o afoxé, maracatu da Bahia. Elementos que participavam, na Cidade do Salvador, do afoxé Filhos de Gandhi – Bráulio Bonfim, Milton Pinto e Alberto Pontes – organizaram aqui o afoxé com o mesmo nome, que vem desfilando pela cidade no Carnaval, a partir de 1952. Como os da Bahia, êste canta na rua cânticos de candomblé, não os “fortes”, mas os que se podem cantar sem insulto aos orixás. [...] ao som de 14 atabaques pequenos (7 de tipo rum, 7 do tipo contra-rum), 6 cabeças [sic] e 8 agogôs. Estruturalmente, porém, não guardou fidelidade ao modelo da Bahia, faltando-lhe um figurante indispensável, o Babalótimo ou Babalotinho, versão masculina da Dama do Passo no maracatu, e as “baianas” que abrem a marcha dos afoxés. São cerca de 60 homens vestidos de branco, a cabeça protegida por turbantes, que desfilam dançando em passo ritual, na cadência dos cânticos religiosos africanos [...] tendo no centro o porta-estandarte e à frente a sua ruidosa orquestra, - numa remota reprodução da pompa com que iam coroar-se os reis do Congo (idem)

Ausência reparada por Carneiro na agremiação carioca, a presença feminina da chamadas ‘baianas’ nos afoxés era estruturante nos grupos de Salvador. A presença das baianas denotava a relação contígua das mães-de-santo^{xii}, como guardiãs de preceitos e práticas religiosas do universo dos candomblés, e os cortejos Carnavalescos realizados pelos afoxés.

Com uma trajetória que completou 70 anos em 2021, o Filhos de Gandhi ocupa um lugar muito particular dentro do Carnaval carioca^{xiii}, sendo elemento fundamental no estabelecimento de uma significativa rede de trocas estabelecida com integrantes dos candomblés do Rio de Janeiro e municípios vizinhos. Desde sua fundação em 1951, ele fez por muito tempo a abertura oficial do Carnaval, sendo muitas vezes incluído na categoria de *hors-concours*, fato amplamente descrito por matérias de jornais^{xiv}. Além disso, seu segundo presidente Alberto Sales Pontes foi um dos diretores da Grêmio Recreativo Escola de Samba Mangueira, quando estreitou ainda

mais os laços do grupo com o mundo do Carnaval, tendo o grupo, em algumas ocasiões, sido convidado a compor alas de enredo como 'Xica da Silva' do G.R.E.S. Salgueiro em 1963, e 'Tronco do Ipê' da G.R.E.S. Portela em 1968 (Guimarães, 2016). Contudo, apesar dessa trajetória, o grupo só ganhará o reconhecimento por parte do poder público a partir de 1972, conforme explica Seu Encarnação, um dos diretores do grupo à época.

Em 1972 fomos reconhecidos pela RIOTUR. E desde aí abrimos o desfile sob a proteção de Xangô. Saímos vestidos de toalhas, cordão e sandálias. Somos 600 pessoas. O porta estandarte é Vavá, no Afoxé só homem é que pode carregar o estandarte. Vavá é filho de Ogum, trabalha em terreiro há muito tempo e por isso tem a honra de carregar o estandarte. Mas tenham a certeza, Afoxé é coisa sagrada. Não é bloco de Carnaval. Ali tem mistério (Farelli, 1978)^{xv}

Atualmente contudo, nos cortejos do Gandhi, os cantos são entoados tanto nas línguas africanas preservadas pela oralidade nos terreiros de candomblé, como em temas autorais compostos em português pelos membros que participam do grupo. Foi graças aos afoxés que o toque do ijexá ganhou enorme projeção, sendo hoje um dos ritmos mais populares e difundidos na música brasileira, aparecendo tanto nos blocos afro como em canções executadas por cantora/es conhecida/os nacionalmente (Ikeda, 2016).

Torços, abadás e camisu^{xvi}, colares de fio de contas e panos-da-costa são alguns dos adereços com os quais os participantes vêm trajados nos cortejos [Fig. 2]. De estilo 'afro', a indumentária utilizada pelos integrantes, chamadas 'lençóis', tem nas vestes e colares, cores que revelam as relações com a cosmovisão do candomblé. As cores azul e branca estão referenciadas nas duas modalidades nas quais se manifesta Oxalá, o mais velho dos orixás.

Figura 2. Cortejo Filhos de Gandhi, Rio de Janeiro. Mestre Kotoquinho ao microfone



Fonte: Facebook - Afoxé Filhos de Gandhi, RJ.

Segundo a cosmogonia nagô, Oxalá se revela segundo duas formas: uma como Oxaguiã, um jovem e poderoso guerreiro que usa cores branca e azul; e a outra como um idoso, Oxalufã, que utiliza a cor branca e um longo bastão [*Opaxorô*] com o qual se apoia para caminhar. Assim, o fato de reunir contas azuis e brancas revela que o colar é uma expressão de Oxalá como o jovem Oxaguiã, e do branco como Oxalufã, seu pai.

O dia 2 de fevereiro, dia de Iemanjá, é um momento de grande importância para os adeptos das religiões afro-brasileiras em todo o Brasil. Muitas homenagens são feitas para a grande mãe, a orixá feminina que é considerada a ‘dona de todas as cabeças e orixás’, quando são realizadas uma série de celebrações à chamada Rainha do Mar. Todo ano, nesse dia, o Filhos de Gandhi do Rio participa da homenagem, sendo fundamentais na festa conhecida como ‘Presente de Iemanjá’ que pretende pedir proteção, saúde e paz entre todos os povos. O primeiro ‘Presente de Iemanjá’ feito na cidade do Rio de Janeiro coube ao baiano João Alves Torres Filho, o famoso *Joãozinho da Gomeia*, que possuía terreiro em Duque de Caxias. Kotoquinho conta que, entre tantas outras iniciativas iniciadas Joãozinho da Gomeia, coube a ele também promover na cidade o primeiro cortejo das ‘Águas de Oxalá’, que vem a se constituir num presente às águas; “cerimônia de purificação e abertura do tempo sagrado – das grandes festas – realizada nos candomblés jêje e nagô” (Cacciatore, 1988, p. 42).

Já o primeiro Presente de Iemanjá realizado pelo Gandhi ocorreu na gestão do presidente Índio no dia 02 de fevereiro de 1981 (Guimarães, 2011, p. 206). O ritual envolve a preparação, por parte das casas de candomblés, de oferendas que devem ser depositadas tanto nas cachoeiras como no mar, tendo como fundamento a ideia de ‘encontro das águas’. Iniciam o cortejo partindo de sua sede na Rua Camerino em direção ao cais do Valongo, antigo ponto de comércio de escravos no Rio de Janeiro na Praça Mauá. Partem então levar oferendas de barco até alto-mar onde são ‘entregues’ na Baía de Guanabara, retomando em seguida à Praça XV.

Assim como o ‘Presente de Iemanjá’, duas outras datas também são de grande relevância e contam com a efetivamente presença do afoxé durante o ano. Uma é a da Consciência Negra, comemorada no dia 20 de novembro, e a outra é o dia do Samba comemorado no dia 02 de dezembro. Além da orgânica vinculação do grupo à essas manifestações pela identificação direta que possuem com o universo simbólico dessas datas, há a atuação do grupo com seus cantos e danças nas rodas que se formam nesses eventos, algumas vezes até mesmo recebendo cachês. Essa participação funciona como um mecanismo de estabelecimento de toda uma rede de relações políticas que colaboram com sua manutenção e continuidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para todos que se dedicam aos estudos de turismo juntamente com a história e a geografia cultural da cidade do Rio de Janeiro é curioso observar - no detalhe - como cada manifestação popular nasce e se desenvolve e quais são seus embates políticos e suas disputas territoriais. Como sua presença é legitimada socialmente e como se construiu esse reconhecimento. No caso do Afoxé Filhos de Gandhi percebemos que muito ainda pode ser discutido.

Um tema que ainda precisa ser melhor investigado é a relação entre os Filhos e as Filhas dentro do Bloco. Como se dá a manutenção dos grupos? Existem disputas? Sabemos que a partir da década de 1970 surge em Salvador e depois aqui no Rio a versão feminina do afoxé que era exclusiva de homens. Mas isso merece um estudo posterior e exclusivo.

Por hora o que gostaríamos de destacar é que se trata de um bloco que nasce primeiramente em Salvador e dois anos depois surge aqui no Rio de Janeiro. Em ambos os casos como uma manifestação de negros e trabalhadores da região portuária. Porém na Bahia o grupo ganha destaque muito mais potente politicamente na cena cultural e política da cidade assim como no próprio Carnaval de Salvador. Isso pode ser verificado não apenas na presença numérica da multidão que acompanha do afoxé dos dias das festas como no próprio fato da associação ter uma sede em plena região do Pelourinho. O Centro Histórico do Pelourinho é local de grande atração de turistas e a sede do afoxé oferece um conjunto de atividades, cursos e shows durante todo o ano.

Importante lembrar que todas as articulações políticas em torno de projetos de reformas urbanas dos centros históricos, procuram trazer para a mesa de negociação, os grupos culturais presentes no território a fim de fortalecer a legitimidade da importância histórica e turística da iniciativa. No caso do projeto urbano em torno do Porto Maravilha isso não aconteceu. O grupo Filhos de Gandhi possui uma sede em ruínas que fica à poucos metros do Cais do Valongo tombado pela Unesco em 2017 como Patrimônio Mundial da Humanidade (Andrade & Melo, 2019). Vale dizer que se trata de um sítio arqueológico sensível que preserva a memória de dor dos milhões de homens, mulheres e crianças escravizadas que entraram de forma violenta pelo porto da cidade. A não inclusão deste grupo no conjunto das obras é, no mínimo, inquietante. Não apenas a sede dos Filhos e Filhas de Gandhi, mas próprio Instituto dos Pretos Novos^{xvii} também ficou de fora dos interesses que moveram aquela iniciativa. Uma iniciativa que buscava, acima de tudo, transformar o bairro em um polo turístico.

Em 2021, o afoxé completou 70 anos de existência no Rio de Janeiro. Boa oportunidade para se refletir sobre sua importância, conhecer suas origens e sua legitimidade diante da população negra que construiu essa cidade através de seu trabalho, de sua arte e de sua musicalidade. Apesar do reconhecimento da Riotur e das demais autoridades cariocas, o Filhos de Gandhi ainda luta pelo direito à uma sede digna. A sede atual, ocupada pelo grupo em 1997 ainda não é regulamentada. Vale lembrar que o grupo já ocupou espaços diversos como a Esplanada do Castelo, Central do Brasil, Praça da Harmonia, Zona Portuária e Praça Onze desde sua fundação em 1951 (Guimarães, 2011). Tudo isso apenas revela que a disputa de forças e de diferentes interesses imobiliários, simbólicos e políticos no interior de nossa sociedade ainda é delicadíssimo e que árduos são os caminhos de todas e todos que buscam reconhecimento da importância cultural dos negros na nossa sociedade.

REFERÊNCIAS

- A Luta Democrática. (1969, 3 dezembro). Filhos de Gandhi sambando o fino. *Jornal A Luta Democrática*.
- Andrade, J. & Melo, M. (2019). Legados do Projeto Porto Maravilha: Verticalidades e Horizontalidades nas disputas territoriais. *Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro*, 17, 115-134. [Link](#)
- Andrade, J., & Fonseca, E. (2020). A Lavagem da Sapucaí: narrativas sobre o ritual. *Revista Litteris*, 25, 1-39 [Link](#)
- Araújo, A. M. (2007). *Cultura Popular Brasileira*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bastos, R. (1980, 12 fevereiro). O renascimento dos Afoxés em Salvador. *Jornal O Globo*.
- Cacciatore, O. G. (1988). *Dicionário de cultos afro-brasileiros*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- Calado, S. (2019, 20 março). Conheça a história dos Afoxés em Pernambuco. *Diário de Pernambuco*. [Link](#)
- Carneiro, E. (1955, 23 janeiro). Elementos novos no folclore carioca. *Suplemento Literário, Jornal Diário de Notícias*.
- Carneiro, E. (1966, 17 fevereiro). Afoxé da Bahia. *Jornal do Commercio*.
- Carneiro, É. de S. (1982). *Folgedos tradicionais*. Rio de Janeiro: Funarte.

- Cascudo, L. da C. (1962). *Dicionário do Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura.
- Diário de Notícias. (1964, 29 janeiro). 13 anos de lutas e glórias do bloco Filhos de Gandhi. *Diário de Notícias*.
- Farelli, M. H. (1978, 13 fevereiro). Além da imaginação / Afoxé – o bloco que trouxe Exu, Ogum e Gandhi para o Carnaval. *Jornal O Dia*.
- Fonseca, E. J. de M. (2003). *O Toque do Gã: tipologia preliminar das linhas-guia do candomblé Ketu-Nagô no Rio de Janeiro*. Dissertação, Mestrado em Música Brasileira, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Guimarães, R. S. (2011). *A utopia da Pequena África. Os espaços do patrimônio na Zona Portuária carioca*. Tese, Doutorado em Antropologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil.
- Guimarães, R. S. (2011). Entre vulgarizações e singularizações: notas sobre a vida social dos balaios. *Horizontes Antropológicos*, 17(36), 127-143. [Link](#)
- Guimarães, R. S. (2016) Patrimônio e Conflito de um afoxé na reurbanização da região portuária carioca. *Revista Mana*, 22(2), 311-340. [Link](#)
- Ikeda, A. (2016) O ijexá no Brasil: rítmica dos deuses nos terreiros, nas ruas e palcos da música popular. *Revista USP*, 111, 21-36. [Link](#)
- Lima, I. M. de F. (2009) Afoxés: Manifestação Cultural baiana ou pernambucana? Narrativas para uma História Social dos afoxés. *Revista Esboços*, 16(21), 89-110. [Link](#)
- Lody, R. G. (1976). *Afoxé. Cadernos de Folclore*. Rio de Janeiro: Funarte.
- Lühning, A. (1990) Música: Coração do Candomblé. *Revista USP*, 7, 115-24.
- Movimento Negro Unificado (2015, 30 janeiro). Lélia Gonzalez – Uma mulher de luta. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, *Jornal Movimento Negro Unificado*.
- O Globo. (1983, 08 fevereiro). Dia de Iemanjá tem missa e cerimônia do candomblé. *Jornal O Globo*.
- Querino, M. (2010) *Costumes Africanos no Brasil*. Salvador: Eduneb.
- Ramos, C. P. C. (2009) *O Discurso da Luz: Imagens das religiões afro-Brasileiras no Arquivo do Jornal A Tarde*. Dissertação, Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos, Universidade Federal da Bahia, Brasil. [Link](#)

Risério, A. (1981) *Carnaval Ijexá: notas sobre afoxés e blocos do novo Carnaval afrobaiano*. Salvador: Corrupio.

Rodrigues, R. N. (2010) *Os Africanos no Brasil*. Brasília: Universidade de Brasília.

Tavares, C. T. & Verger, P. (1948). Afoché – Ritmo bárbaro da Bahia. *Revista O Cruzeiro*.

Tribuna de Piracicaba (1991, 08 fevereiro). Afoxé. *Jornal Tribuna de Piracicaba*.

Vieira Filho, R. R. (1997). Folgedos negros no Carnaval de Salvador (1880 –1930). In: L. Sansone, & J. T. dos Santos, (orgs). *Ritmos em trânsito – Socioantropológica da música baiana*. São Paulo: Dynamis.

Vieira Filho, R. R. (2013). Nem só de afoxés brincam os homens: manifestações carnavalescas negras em Salvador Bahia no final do século XIX e princípios do XX. In: *Anais... XXVII Simpósio Nacional de História – conhecimento histórico e diálogo social*. Natal: ANPUH.

NOTAS

i Portal Geledés [Link](#)

ii Todas as citações desse trabalho conservam a ortografia encontrada originalmente nas publicações.

iii “No Brasil, o termo é utilizado para exprimir os grupos que mantêm culto a deuses provenientes de uma mesma etnia ou subgrupo étnico africano” (Fonseca, 2003, p. 151).

iv Manuel Querino (1851-1923), pesquisador baiano, negro, nascido em Santo Amaro. Republicano, liberal e abolicionista, publicou importantes trabalhos que trouxeram a perspectiva afro-brasileira aos estudos de História do Brasil. [Link](#)

v “Os Clubes Uniformizados Negros eram divertimentos que podemos dizer híbridos, pois misturavam elementos dos cortejos tradicionais europeus, vistos aqui nos grandes desfiles dos Clubes Uniformizados brancos e também elementos das brincadeiras das populações negras” (Vieira Filho, 2013, p. 4).

vi O conjunto de percussionistas que compõe o afoxé é tradicionalmente chamado de “charanga” (Vieira Filho, 2013)

vii Matéria no *Jornal Tribuna de Piracicaba*, 08 de fevereiro de 1991.

viii “Batizada primeiramente de Hotéis de Turismo do Estado da Bahia S.A., a Bahiatura nasceu através da Lei Estadual nº2.563, de 28 de agosto de 1968, para fomentar o setor hoteleiro no Estado. Em 1973, por indicação da equipe da Secretaria de Indústria e Comércio, teve sua estrutura reorganizada pelo Decreto nº 22.317/73 para Empresa de Turismo da Bahia S.A. – Bahiatura. Em 2014, se tornou Superintendência de Fomento ao Turismo do Estado da Bahia.” [Link](#)

ix Lélia Gonzales – Uma mulher de luta. [Link](#)

x Alberto Salles Pontes, seu primeiro presidente, narra no jornal *Diário de Notícias* de 29 de janeiro de 1964, a criação do afoxé feita por Acelino de Jesus, Antônio Cordeiro, Antônio dos Santos Ferreira, Daniel Silva, Julio Susth, Luís Santana e Milton Pinto de Carvalho entre outros, a maioria trabalhadores do cais do porto.

xi Depoimento à Francisco de Vasconcelos (*Jornal Tribuna de Piracicaba*, 8-2-1991).

xii Nome mais comumente usado para dirigente feminino de um terreiro afro-brasileiro. Sacerdotisa-chefe. (Cacciatore, 1988, p. 167).

xiii Ver Andrade & Fonseca, 2020.

xiv Ver os jornais “A Luta Democrática” de 20/21/22 e 23-1-1978, p. 6, “Última Hora” de 16-2-1983, p. 4., “Jornal do Brasil” de 8-2-1978, p. 2.

xv “Além da imaginação / Afoxé – o bloco Exu, Ogum e Gandhi para o carnaval” por Maria Helena Farelli no jornal *O Dia* de 13-2-1978.

xvi Abadá é “túnica branca de mangas compridas e largas usada em casa para fazer orações pelos negros sudaneses islamizados denominados malês no Brasil” (Cacciatore, 1988, p.33). O camisu é uma “veste sacerdotal nagô, semelhante ou igual ao abadá” (Cacciatore, p.77).

xvii O Instituto dos Pretos Novos é uma iniciativa cultural presente na região portuária. Em poucas palavras trata-se de uma casa onde um casal encontra ossos humanos durante uma reforma do banheiro em 1996. Inquietados procuram arqueólogos e agentes da prefeitura que concluem que se trata de um sítio arqueológico do antigo cemitério de negros que morria durante a chegada à colônia. Era uma enorme vala onde os corpos eram jogados. Após a descoberta o casal passou a se articular com a comunidade e transformaram a casa em um museu e em um instituto que busca discutir essa questão da memória negra na cidade. [Link](#)

PROCESSO EDITORIAL

Recebido: 22 MAR 21 Aceito: 22 JUL 21